

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Teologia

HELIO DA COSTA GOUVÊA

AMOR AO PRÓXIMO

Os Pobres como Sinal de Unidade (Gal 2,10)

Petrópolis

2021

HELIO DA COSTA GOUVÊA – R.A. 007201900725

AMOR AO PRÓXIMO

Os Pobres como Sinal de Unidade (Gal 2,10)

TCC apresentado ao Curso de Teologia da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador metodológico: Prof. Dr. Welder Lancieri Marchini

Orientador temático: Prof. Me. Renato Adriano Pezenti

Petrópolis

2021

RESUMO

O artigo pretende demonstrar como o amor, principal mandamento, caminha na história do cristianismo entre receptividades e resistências, em especial quando este amor é traduzido como amor aos pobres, aos excluídos, aos diferentes, aos caídos “meio mortos” (Lc 10,30) abandonados pelo caminho. Procura demonstrar que acima de qualquer forma de ser Igreja, o lembrar dos pobres (Gal 2,10) dever ser sinal de unidade entre cristãos. Superar todas as glosas que são colocadas no mandamento do amor é imperativo e caminhar ao encontro do marginalizado é essencial para a verdadeira vivência cristã em todos os tempos. Para isto, esboçamos um caminho que principia em Jesus de Nazaré, no encontro entre a fé dos judeus e o cristianismo nascente, chegando até nossos dias com a mesma exigência fontal e com semelhantes motivações para desvios de caminho.

Palavras-chave: Eclesiologia. Opção pelo Pobres. Teologia da Libertação. Papa Francisco. Misericórdia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 O AMOR COMO FONTE	05
1.1 O AMOR NAS COMUNIDADES PRIMITIVAS.....	06
1.2 OBSTÁCULOS AO AMOR	07
2. O AMOR COMO CAMINHO	07
2.1 QUEM É MEU PRÓXIMO?	08
2.2 AMAR COMO SEGUIMENTO	08
2.3 NOVAS EXIGÊNCIAS DO AMOR AO PRÓXIMO	09
2.4 RADICALIDADE DO AMOR	10
3 AMOR COMO META	11
3.1 A IGREJA DOS POBRES	11
3.2 MUDANÇAS DE RUMO “UMA IGREJA EM SAÍDA” (EG 20)	12
3.3 EM BUSCA DOS POBRES	13
3.4 CONVITE A UM CAMINHO PASTORAL	14
3.5 OS POBRES COMO UNIDADE	15
CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

INTRODUÇÃO

A característica mais importante e mais determinante na vivência cristã é o amor. O mandamento do amor que percorre toda a vida pública de Jesus é dinamizado com o crescimento do cristianismo, que em contato com novas culturas encontram novos desafios para a práxis do amor ao próximo. Perpassa toda a história do cristianismo entre avanços e retrocessos, chegando aos nossos dias com a mesma força revolucionária de seu princípio.

O tema do “amor ao próximo” não esgota o mistério da Igreja, porém, usar de misericórdia é característica exordial para todo cristão e cristã. É sinal característico de unidade nas igrejas nascentes e em diáspora, mas apesar disso, torna-se motivo de contenda entre cristianismos e entre cristãos devido ao fato deste mesmo amor promover mudanças comportamentais e sociais, criando diversos obstáculos para poderes estabelecidos.

O amor ao próximo refunda-se como amor aos pobres, excluídos e marginalizados e busca firmar posição como uma Igreja em saída, (EG 20) trazendo novamente ao debate, muitos deles acalorados, a necessidade de transformação das estruturas que impedem a realização do ser humano como filho e filha de Deus evitando assim que tenhamos vida e vida em abundância (Jo 10,10). Posicionamentos subversivos ainda se fazem necessários em nossa sociedade e nada tão perturbador quanto o amor doado. Cristãos e cristãs que se assumem missionários da misericórdia são arautos da Boa Nova de Jesus Cristo.

1 AMOR COMO FONTE

O amor é tema central da vivência e dos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Seus ensinamentos são enraizados nas relações de amor e não em poucas oportunidades busca trazer ao centro da discussão o amor ao próximo como sinal de amor a Deus.

Como judeu, Jesus recebeu que a prática do amor ao próximo é Lei (Lv 19,18) e em seus ensinamentos toma este amor como base de toda a sua pregação, desdobrando e detalhando (Mt 5,43-45; Lc 10,25-27; Lc 7,36-38) a partir do cotidiano de seus afetos e do dia a dia de seus interlocutores a necessidade de tornar o próximo centralidade das relações, inclusive com Deus (Mt 22,34-40).

1.1 O AMOR NAS COMUNIDADES PRIMITIVAS

Desde o princípio os seguidores e seguidoras de Jesus assumem este amor ao próximo como sinal de unidade e princípio fundante de suas relações. Em Atos dos Apóstolos encontramos como primeiro sinal das comunidades cristãs nascentes claras evidências deste amor que, somando-se as relações de proximidade (Lc 14,26), inauguram um novo tempo de novas conexões que se expandem ao encontro do outro.

Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temos, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé, viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas (At 2,42-47).

Este amor que supera as barreiras da proximidade encontra no amor ao inimigo (Mt 5,43-45), ao estrangeiro (Lc 10,25-27) e aos pecadores (Lc 7,36-38), uma nova formulação que visa resgatar o outro de uma alienação social e trazê-lo para o meio da reflexão comunitária e para centralidade do debate religioso (Mc 3,1-6).

Com a expansão do cristianismo e com a pluralidade de conversões, as comunidades primitivas assumem novos contornos e o amor ao próximo encontra novos obstáculos a sua concretude, uma vez que as diferenciações construídas socialmente e a diversidade de pensamentos são incorporadas às novas relações comunitárias. O debate sobre tornar-se próximo enfrenta desta forma novos desafios e conseqüentemente, o cristianismo passa a ser resistência a um modelo de sociedade que não combina com a prática de amor cristão.

Nas cartas de Paulo fica evidenciado fortemente como este amor assume características novas e passa conseqüentemente a contestar as desigualdades existentes dentro das comunidades primitivas. As diferenças de realidade entres comunidades (2Cor 8,1-15) e também a desigualdade entre membros (Fl 16) passam a ser objeto da reflexão e resistência cristã.

No encontro da realidade judaica e pagã o cristianismo cresce de forma plural, no qual o primeiro e mais importante mandamento, amar a Deus e ao próximo, torna-se o ponto convergente nos caminhos dos cristianismos primitivos. É em Jerusalém, no encontro de Paulo com os apóstolos, que a diversidade da proclamação evangélica se converge definitivamente no caminho do cuidado com os pobres (Gal 2,10).

Tanto as comunidades de origem judaica quanto as igrejas surgidas através da prática apostólica de Paulo entre os gentios percebem na situação dos pobres, dos excluídos, dos oprimidos, seu principal propósito e também ponto de partida e chegada para a prática cristã. A experiência profética encontra nova ressonância nas comunidades cristãs primitivas.

A atividade cristã, estabelecida nas comunidades primitivas, de ir ao encontro do próximo, buscando estabelecer novas relações baseadas no amor e na justiça, passa também a ser percebida como sinal de contradição e conseqüentemente passa a enfrentar restrições dentro e fora de seus círculos. A práxis cristã vai de encontro com as regras sociais e com comportamentos estabelecidos.

1.2 OBSTÁCULOS AO AMOR

O amor, sinal de unidade entre cristãos, que constrói inicialmente pontes de superação das divisões entre grupos internos e externos, agora se vê em atrito quando suas fileiras passam a construir relações que ultrapassam categorias de superiores e inferiores. “O amor que inclui as pessoas estranhas nos próprios grupos internos encontra dificuldades porque deve aceitar diferenças reais de status” (THEISSEN, 2009, p.107).

Destarte o amor ao próximo ser o selo que marca e unifica as comunidades cristãs primitivas, também se torna motivo de desgaste, uma vez que este mesmo amor busca superar distâncias e extinguir níveis ou graus existentes entre pessoas.

Esta discórdia existente na prática do amor ao próximo ainda hoje permanece nas atuais comunidades onde há uma abertura ao amor gratuito entre iguais, ou seja, entre membros da própria igreja ou da comunidade e um fechar de portas aos diferentes e estranhos às práticas e características sociais desta comunidade.

2 O AMOR COMO CAMINHO

Não procurarás vingança, nem guardarás rancor contra os filhos de teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor. Guardai os meus preceitos (Lv 19,18).

O amor ao próximo não é uma criação cristã, uma vez que já encontramos no judaísmo essa exigência prescrita em Levítico que ressalta a importância de amar ao seu próximo como igual, dando a ele como princípio a mesma dignidade que possui. “Esse amor ao próximo liga-se, então, em Lv 19, a um ethos-de-misericórdia oriental

comum, que vale para os fracos, as viúvas e os órfãos, portanto para pessoas que possuem condições desiguais ou marginais” (THEISSEN, 2009, p. 99).

2.1 QUEM É MEU PRÓXIMO?

Inicialmente, pode-se ceder à tentação de considerar o próximo como alguém da primeira linha de relacionamento, buscando nesta uma saída para relações que descumpram as exigências do próprio mandamento. Observamos que esta busca para uma interpretação descompromissada com o amor em relação aos excluídos, desfavorecidos e diferentes não é uma novidade, tampouco incomum quando percebemos na passagem do Bom Samaritano a provocação feita pelo doutor da Lei a Jesus: E quem é o meu próximo? (Lc 10,29)

Amar ao próximo como a ti mesmo (Lv 19,18) não será para Jesus um limitador, mas antes um amplificador de suas relações, e também não deveria ser algo novo para o doutor da Lei, uma vez que ainda em Levítico a compreensão de amor ao próximo é conduzida também aos que não são vistos como povo. “Se um migrante morar convosco na terra, não o maltratareis. O migrante em vosso meio será para vós como nativo. Am-o como a ti mesmo, pois também vos fostes migrantes na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19,33-34).

Quanto me é dado saber, o mandamento do amor ao próximo já se encontra em sua primeira formulação, como amor ao inimigo, ao estrangeiro e aos fracos. Em princípio, ele é válido para o “próximo” que tem os mesmos direitos, mas se torna premente exatamente onde essa igualdade de direitos e essa equivalência não são mais evidentes ou não são mais aceitas como indiscutíveis (THEISSEN, 2009, p. 100).

Percebemos então que o mandamento do amor nunca poderá ser reduzido a grupos ou pessoas das quais podemos ter afinidade ou alguma espécie de reciprocidade, mas desde o princípio o amor ao próximo é percebido e proclamado para que relacionamentos e diferenças sejam superados, excluídos sejam inseridos e injustiçados sejam tratados com justiça.

2.2 AMAR COMO SEGUIMENTO

Essa tendência de afastamento do mandamento do amor do seu sentido original visando restringir a compreensão sobre próximo já estava presente no judaísmo pré-cristão e perpetua-se também no cristianismo. Todavia, será este amor ao próximo,

herdado do judaísmo e levado a radicalização por cristãos e cristãs a grande novidade, pois o mandamento do amor é colocado como condição central para o seguimento cristão.

Ouvistes o que foi dito: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orais pelos que vos perseguem! Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está no céu; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz descer a chuva sobre justos e injustos. Se amais aos que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos o mesmo? E se saudais somente aos vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem os gentios o mesmo? Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito (Mt 5,43-48).

Para o seguimento de Jesus amar aos inimigos, ao estrangeiro e ao pecador torna-se um sinal radical de compromisso e seguimento, tornar-se próximo será sempre uma decisão anterior às próprias condições que se encontrarem pela frente. Uma decisão assertiva que antecede o próprio fato. O amar do cristão primitivo tem em mente um processo de inclusão justamente visando mostrar que os excluídos são sujeitos também do amor de Deus.

No relato exemplificador do samaritano misericordioso, o samaritano mostra-se "próximo" não em razão de uma condição preexistente, mas por causa de sua atitude: ele "se aproximou" do próximo, ou seja, concretamente: ele se desviou de seu caminho, a fim de, diferentemente do sacerdote e do levita, cuidar da vítima que os ladrões largaram quase morta (THEISSEN, 2009, p. 102).

Na continuidade do projeto de Jesus que se fez próximo e buscou superar toda e qualquer forma de exclusão, mesmo que esta fosse justificada pela Lei, os cristãos e a cristãs devem ter como prática a acolhida que sempre deverá anteceder ao julgamento, a inclusão que inequivocadamente precederá o juízo. Se farão sempre próximos.

2.3 NOVAS EXIGÊNCIAS DO AMOR AO PRÓXIMO

Com a expansão do cristianismo o mandamento do amor começa a sofrer certa restrição em ambientes onde há diferentes posições sociais convivendo em comunidade. Enquanto nos cristianismos nascentes na Palestina buscavam-se superar as desigualdades concretas entre grupos diferentes, mas com as mesmas origens, na expansão do cristianismo pelo mundo romano as diferenças sociais passaram a ser o grande problema. As comunidades que agora recebem pessoas de origens distintas e

passam a ter nestas diferenciações um grande obstáculo para a prática do amor ao próximo, uma vez que a vida social externa a comunidade ganha corpo dentro delas e o sentimento de superioridade de alguns dificulta o sentimento de igualdade e de dignidade dos membros da comunidade. “O amor que inclui as pessoas estranhas nos próprios grupos internos encontra dificuldades porque deve aceitar diferenças reais de status” (THEISSEN, 2009, p.107).

O amor ao próximo assume nova dimensão a partir da renúncia da própria relevância, como sinal de humildade em busca do direito do próximo. Este amor ao próximo agora assume contornos sociais que reformula a escala de valores.

Talvez Onésimo tenha se afastado de ti por algum tempo, precisamente para que o recebas de volta para sempre: agora, não mais como escravo, mas muito mais do que isto, como irmão querido, especialmente por mim, e muito mais por ti, tanto na carne, como no Senhor! (Fm 1,15-16)

O amor próximo que já se debruçava sobre o perdão e o serviço agora se faz renúncia contra a exploração dos fracos e excluídos. “Contudo, Jesus espera a renúncia não só ao que é negativo, à cobiça, ao pecado, e sim também ao positivo, ao direito, ao poder” (KÜNG, 1979, p. 225).

2.4 RADICALIDADE DO AMOR

O amor ao próximo para o cristianismo é uma decisão que compromete a todos que assumem para si o seguimento de Jesus. Há uma caminhada a ser feita no processo de amadurecimento do cristão que principia no cuidado aos pobres como sinal de sua unidade (Gal 2,10) e caminha para uma radicalidade do amor que excede as possibilidades humanas.

Jesus espera nada mais, nada menos, do que uma orientação completa e radical da vida humana para Deus, um coração não dividido que sirva não a dois, mas a um Senhor. No meio do mundo e entre homens, o coração deve aderir tão somente a Deus, na expectativa do Reino de Deus: não ao dinheiro, nem às posses, não ao direito, nem à honra, nem mesmo aos pais e à família (KÜNG, 1979, p. 213).

A principalidade do amor deve ser estabelecida e o próximo visto como a causa de Deus. Amar ao próximo deve ter primazia sobre a Lei, pois a causa de Deus não é a Lei, mas o ser humano. “Certo que a vontade humana não substitui a divina. Mas a

vontade divina concretiza-se a partir da situação concreta do homem e do próximo” (KÜNG,1979:226).

Certo sábado, Jesus passava por plantações de trigo, e os discípulos começaram a arrancar espigas pelo caminho. Os fariseus disseram então a Jesus: “Olha! Por que eles fazem no sábado o que não é permitido? Ele respondeu: “Nunca lestes o que fez Davi quando passava necessidade e teve fome, ele e seus companheiros? Como entrou na casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, comeu os pães da oferenda, que só os sacerdotes podiam comer, e também o deu aos seus companheiros!” E acrescentou: “O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado. Assim, o Filho do Homem é senhor também do sábado” (Mc 2,23-28).

Diante da necessidade que aflige a vida, que atinge o pobre, o cristão deverá assumir como certa a superação desta situação que coloca o próximo exposto a desumanização, tornando-o sua prioridade diante de qualquer outra demanda que se apresente.

3 AMOR COMO META

Em nossas comunidades eclesiais ainda há quem debata sobre o lugar do próximo, a validade do amor e a prioridade da misericórdia. O afincamento do Papa Francisco na centralidade do amor ao próximo é fator determinante em seu pontificado. Cada ato que busca promover inclusão dos pobres e excluídos enfrenta variadas formas de resistência.

Esta resistência que enfrenta o Papa Francisco como vimos não é nova, mas recebe novo vigor ou ares de modernidade com a chegada do Concílio Vaticano II onde ainda em seu período gestacional, através da mensagem radiofônica do dia 11 de setembro de 1962 do Papa João XXIII, traz ao mundo de forma surpreendente um ponto luminoso: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos e, em particular, a Igreja dos pobres” (JOÃO XXIII,1962).

3.1 A IGREJA DOS POBRES

O Concílio Vaticano II trouxe novamente ao debate o lugar do amor ao próximo na igreja e João XXIII em suas palavras demonstra que nem tudo que a Igreja deveria ser já aconteceu, mas que se encontra em processo, pois ela “é e quer ser” uma realidade. É preciso que ela se coloque a caminho e ao encontro do próximo.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja da América Latina aceita o chamamento e assume o programa de ser uma “Igreja dos pobres” e através da Conferência de Medellín (1968), o amor ao próximo ganha novo vigor. “Além de ser abordado em documento específico (pobreza na Igreja), perpassa o conjunto do documento. E determinará os rumos da Igreja no Continente (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 340).

O Papa Francisco coloca em destaque o tema do amor ao próximo e enche novamente de esperança muitos cristãos e cristãs. Entretanto, o tema continua a dividir opiniões de setores mais conservadores que recebem a abordagem “Igreja dos pobres” com muita desconfiança, fazendo associações deste compromisso com ideologias e desta forma, afastando-se de um dos valores essenciais do cristianismo e construindo fragmentações no corpo da Igreja.

Muitos teólogos, especialmente latino-americanos e alguns europeus, acolhem com muita esperança a ênfase com que o Papa Francisco dá ao tema da pobreza. Enquanto outros setores eclesiais, de linha mais conservadora e concepções tradicionalistas, o recebem com desconfiança. Muitas das vezes associam a opção preferencial pelos pobres com comunismo, socialismo e partidarismos políticos, esvaziando-o do seu cerne evangélico e cristológico (SOUZA, 2019, p. 727).

Mesmo diante dos conflitos existentes, que certamente muito desgastam, o caminho pastoral proposto pelo Papa Francisco debruça-se insistentemente sobre a necessidade de tornarmo-nos próximos, de irmos ao encontro superando distâncias e de termos consciência que somos todos irmãos. A unidade da Igreja em torno dos pobres (Gal 2,10), novamente deveria servir de ponte entre tantas formas de cristianismos, pois o importante seria essa postura misericordiosa do cuidado.

3.2 MUDANÇAS DE RUMOS “UMA IGREJA EM SAÍDA” (EG, 20)

O Papa Francisco desde sua eleição para Bispo de Roma assumiu de forma incisiva seu compromisso com uma Igreja dos Pobres tornando-se este seu atributo mais evidenciado e combatido. Sua dedicação em revigorar a pastoral da Igreja com a Boa Nova do Reino de Deus produz ao mesmo tempo um encantamento, pois inúmeras são as pessoas que veem neste jeito de ser Igreja sua verdadeira vocação e também resistência, pois muitos percebem desvios na própria doutrina. Foram inúmeras as afirmações e gestos do Papa Francisco que designam esse caminho ao encontro do próximo, mesmo que este caminho nos leve para diversas direções sempre encontraremos ao final as mais variadas formas de exclusão e pobreza que nos exigirão

um compromisso radical de superação destas realidades na qual se encontram os prediletos de Deus.

Esta mudança de rumos pastorais assumidos pelo Papa parece muitas vezes que faz mais sentido para outros setores da sociedade do que dentro da própria Igreja. Destarte o que foi recomendado pelos apóstolos a Paulo, como sinal de unidade entre cristianismos nascentes, setores da Igreja também de nossa época parecem desconsiderar e ao contrário de construir pontes, levantam muros. “O que nos recomendaram foi somente que nos lembrássemos dos pobres. E isso procurei fazer sempre, com toda solícitude” (Gal 2,10).

3.3 EM BUSCA DOS POBRES

O mandamento do amor exige um incessante desejo de ir ao encontro do excluído para se fazer próximo. Cada tempo tem seus excluídos e cada período cria novas formas de restrição no acesso aos bens comuns. Nosso tempo com suas novas configurações sociais criaram novas formas de supressão e novos formatos para a pobreza, todavia, os destinatários do Reino de Deus e o ponto de convergência de toda pastoral precisa ser o pobre.

Diante de tantas mudanças e da pressa dos tempos atuais onde poderíamos encontrar os pobres de Jesus Cristo? Pobres que podem possuir novas roupagens, mas ainda são os mesmos filhos e filhas de Deus. “Os pobres sempre constituem desafio que exige descobrimento. Não se suspeitava que houvesse tanta pobreza, tanta miséria” (COMBLIM, 2002, p. 255).

Uma vez que os ministros da Igreja descobriram os pobres, descobriram de que maneira na sua vida privada, no trabalho e na vida pública os pobres são vítimas de exploração e de humilhação. Basta aproximar-se dos pobres para constatar no concreto o roubo, o confisco do seu trabalho, a humilhação, o abandono de que são vítimas (COMBLIM, 2002, p. 255).

Apesar de perceber tanta pobreza ao nosso redor, ainda há a necessidade de querer encontrá-los e é neste encontro que somos impelidos pela Boa Nova de Jesus Cristo a assumir um compromisso com o Reino de Deus. Uma vez que encontramos com o próximo é que o nosso amor é colocado a prova. É no encontro com os pobres que descobrimos como não há direito e tampouco justiça para excluídos e marginalizados. Somos forçados pela Boa Nova a assumir postura crítica diante de tanta indiferença com os pobres que comumente são também percebidos nos ambientes

eclesiais. Os pobres surgem a porta clamando por seus direitos e percebe-se claramente que todas estas situações também se deve a indiferença de cristãos e cristãs que se silenciam diante das injustiças para manter seus privilégios.

3.4 CONVITE A UM CAMINHO PASTORAL

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se põs a caminhar (FREIRE, 1992, p. 79).

O Papa Francisco através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho) propicia um programa, um caminho de descoberta de uma Igreja samaritana ou em saída. Uma Igreja que vai ao encontro do pobre e descobre nele o seu próximo.

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (EG 49).

O amor é concretizado quando saímos de nossas comodidades e seguranças e vamos ao encontro dos pobres, excluídos e marginalizados. Quando aproximamos sem medo de nos enlamearmos, de nos ferirmos ou de perdermos nossos pequenos benefícios e comodidades. Esta opção pelos pobres é ingrediente de nossa fé cristã e “deriva da nossa fé em Jesus Cristo” (EG 186), “deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós” (EG 188).

Todo cristão e toda comunidade cristã deve buscar conviver não somente com aqueles e aquelas que podem nos retribuir de alguma forma, mas sim aqueles que estão caídos à beira do caminho (Lc 10,30), aos pobres, doentes, idosos, abandonados, esquecidos e descartados por sua forma de vida, por seu gênero ou ainda por sua orientação sexual. (EG 48). Somos “chamados em todo lugar e circunstância, a ouvir o clamor dos pobres” (EG 191). Pobre é todo aquele ou aquela que é excluído econômica, social, política e culturalmente, privado de sua liberdade e da possibilidade de escolha. É necessário estar próximo não somente através de ações ou programas assistenciais, mas promovendo oportunidades e em especial amando. “Quando amado, o pobre “é estimado como de alto valor”, e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de

qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos” (EG 199).

3.5 OS POBRES COMO UNIDADE

Buscando superar toda forma de dogmatizar um tipo autêntico ou uma maneira correta de ser cristão, devemos enxergar no amor ao próximo um elo que promoverá entre setores de nossa Igreja, de nossa comunidade, um encontro com aquele ou aquela exposto a situações de vulnerabilidade e que temos como compromisso evangélico o dever de nos tornarmos próximos. “Deste modo, torna-se possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda” (EG 228).

É mais que urgente que nossas comunidades saiam das estruturas de concreto e caminhem ao encontro do próximo, supere diferenças internas e externas e construam pontes com outras comunidades cristãs, outras religiões e organizações do terceiro setor que trabalhem por justiça e direito. Os cristãos leigos e leigas precisam assumir de forma madura as realidades vividas e construir sem freios, com liberdade o Reino de Deus.

CONCLUSÃO

O mandamento do amor para o cristianismo é como uma identidade. Todo amor precisa ser comunicado, ser ofertado ao próximo sem que seja necessário haver reciprocidade. Amamos verdadeiramente quando seguimos os passos de Jesus em direção ao outro e em atitude de misericórdia. O outro possui aquilo que pode nos santificar. O amor aos pobres insistentemente é lembrado pelo Papa Francisco como um gesto de misericórdia e não deve ser transformando em um gesto de ofensa ou de batalha entre cristãos e cristãs, mas antes deve servir como um sinal de unidade na diversidade que é própria do cristianismo. Devemos superar tensões e ideologias e usar de misericórdia com os pobres de Deus (Lc 10,37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNBB. **Bíblia Sagrada: Tradução Oficial da CNBB**. Brasília: Edições CNBB, 2019. 3ª edição.

COMBLIN, José. **O povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

ELLIOTT, Neil. **Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo**. São Paulo: Paulus, 1994.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (A alegria do Evangelho): sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Edições Loyola, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HORSLEY, Richard A. **Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004

JOÃO XXIII, PP. **Radio mensagem a todos fiéis cristãos a um mês da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II (11 de setembro 1962)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/messages/pont_messages/1962.index.html Acesso em 09 dez. 2021.

AQUINO JUNIOR, Francisco. **“Igreja dos Pobres”:** uma nota eclesiológica fundamental. Rio de Janeiro: Maxwell - PUC Rio, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34476/34476.PDF>> Acesso em: 07 set. 2021.

AQUINO JUNIOR, Francisco. **“Uma Igreja Pobre para dos Pobres”:** abordagem teológico- Pastoral. Paraná: Pistis & Praxis - PUC Paraná, 2016. <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1306>> Acesso em: 07 set. 2021.

KUNG, Hans. **Ser Cristão**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1979.

SOUZA, Ney de. **“Pobreza da Igreja”:** História e Teologia do Documento 14 da Conferência de Medellín. Caminhos, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 527-740, maio./ago. 2019. ISSN 1983-778X. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i2.7196> > Acesso em: 04 oct. 2021.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção cultura bíblica)